

Educação Superior e aprendizagem: diferentes olhares na construção conceitual e prática

Learning in higher education: different view in the conceptual and practice construction

MARIA EMILIA AMARAL ENGERS*
MARÍLIA COSTA MOROSINI**

RESUMO – Este texto apresenta contribuições de alguns autores que estudam o processo de aprendizagem no Ensino Superior, discute questões vinculadas às diferentes dimensões que a envolvem no cenário planetário. Ainda, analisa as competências necessárias para que professores e alunos possam enfrentar de modo inovador e criativo a sociedade do conhecimento e da globalização. As autoras enfatizam a importância de aumentar esta visão tendo presente a formação das pessoas no contexto de suas complexidades, de seus valores e necessidades para que a aprendizagem se efetive.

Descritores – Aprendizagem; ensino universitário; competências empregabilidade.

ABSTRACT – This text presents some theoretical contributions in the Higher Education learning process. It, also, discusses questions tied to the learning different dimensions in the planetary scenery. In addition it reflects on the main competencies, as creativity and innovation among others, essential to the professors and students to compete in this society of the globalization, that lays emphasis to: the knowledge, the economics questions, the empregability and the entrepreneurship. The writers pointed out the necessity to enlarge this vision maintaining the person formation in the context of his/her complexity, and his/her values and needs to have a real learning.

Key-words – Learning; higher education; competencies; empregabilidade.

* Dr. em Ciências Humanas - Educação, UFRGS. Professora Titular FACED/PPGED - PUCRS. E-mail: engers@puers.br

** Dr. em Ciências Humanas - Educação, UFRGS. Professora da FACED/PPGED./Assessora da PRPPG-PUCRS; Pesquisadora 1 do CNPq; Coordenadora das redes UNIVERSITAS/ANPED e RIES - Rede Sul-Brasileira de Investigadores da Educação Superior. Núcleo de excelência C&T I - CNPq/FAPERGS. E-mail: marilia.morosini@puers.br

Artigo recebido em: outubro/2006. Aprovado em: outubro/2006.

Educação

Neste início de milênio em que se repensa questões bio-psico-sociais e políticas muito profundas que envolvem a humanidade e que inquietam a sociedade planetária, a educação tem sido muito enfatizada na sociedade do conhecimento e vista como tábua de salvação nos países em desenvolvimento. Contudo há uma compreensão, na comunidade educacional brasileira, de que a classe política, responsável pela legislação e gestão da sociedade não tem, ao longo dos anos, realmente incluído a educação das crianças e dos jovens como prioridades. A legislação da Educação Superior brasileira tem demonstrado esta realidade uma vez que esta foi, por longos anos, vista em separado dos demais níveis de ensino e até os dias atuais não tem conseguido atender o que está previsto na sua Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Pode-se considerar, por exemplo, a indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão na universidade brasileira, como um exemplo do que se afirma, pois não chegou ainda a ser realidade em boa parte das Instituições de Ensino Superior (IES).

Refletindo sobre as afirmações acima referidas pode-se visualizar dados da realidade brasileira que apontam para grandes desafios por parte de toda a nação e da comunidade envolvida mais diretamente. Consta-se que em relação: a) *ao acesso, permanência e qualidade do ensino* - estão na escola 88% das crianças e dos adolescentes de 4 a 17 anos e que somente 25% dos alunos, aprendem o que é apropriado para a sua série em português e 10% em matemática; e b) quanto *ao fluxo e conclusão* - somente 48% completam o ensino fundamental até os 16 anos e 36% concluem o ensino médio até os 19 anos (www.inep.gov).

Tratando mais especificamente da Educação Superior os dados revelam que de uma população de 24 072 318, jovens entre os 18 e 24 anos, estão matriculados neste nível 4 163 733, o que representa uma taxa de escolarização superior bruta de 17,3%. Como dados comparativos pode-se apontar a taxa dos Estados Unidos em torno de 73%. Os dados da Educação Superior em 2004 indicam um sistema: a) em *expansão* com 2.013 IES (uma taxa de crescimento, de 118,3%) entre 1996 a 2004; 18.644 cursos (com taxa de expansão de 180,6%) e 4.163.733 alunos matriculados (uma taxa de crescimento de 122,8%); b) de *Educação Superior privado* - 71% em IES, nesta modalidade; c) de *Educação Superior diversificado*, no qual as matrículas distribuem-se em cinco diferentes tipos de IES, a saber: 56% em universidades, 12% em centros universitários, 4,6% em Faculdades Integradas, 25% em Faculdades Isoladas e ainda 4% em Faculdades e Centros de Educação Tecnológica.

Educação

Examinando a titulação dos docentes que atendem a graduação constata-se que 29% das funções docentes são ocupadas por doutores, 35 % por mestres e 44% por especialistas e/ou graduados. Estes estão concentrados segundo a qualificação nos estados do sudeste.

Outro fator que diferencia a qualidade do ensino é a presença da pós-graduação na instituição. Esta função universitária está associada ao desenvolvimento da pesquisa. Entende-se que a presença de um curso de pós-graduação *stricto sensu* na IES simboliza a cultura da pesquisa, pois quanto mais consolidada está a pós-graduação, maior é a presença de um conceito de aprendizagem, de ensino com pesquisa, de desenvolvimento, de um pensamento questionador, da obediência a princípios de rigor científico e da descoberta para a construção do conhecimento. Em 2006 (www.capes.org.br), o país possuía um total de 3.572 cursos, dos quais 2.157 de mestrado acadêmico, 187 de mestrado profissional e 1.228 de doutorado, também concentrados na região sudeste do país, seguida do sul e do nordeste.

Neste contexto da realidade brasileira, estas e outras questões vinculadas à educação, como a investigação e a produção do conhecimento, têm se desenvolvido muito lentamente, em muitas IES no Brasil, o que limita a aprendizagem que se gostaria de presenciar. Há falta de vontade política em resolver essas questões, embora educadores e pesquisadores tenham levantado propostas importantes para vincular ensino e pesquisa e a própria extensão. Este tema, embora muito relevante, não se constitui no foco deste texto, apenas foi mencionado pela sua estreita ligação com a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Ao fazer referência à Educação Superior, período em que os jovens estão decidindo os seus futuros como profissionais, quando devem se engajar na produção do conhecimento, parece relevante incluir na discussão as condições favoráveis que deveriam ser oferecidas pelas IES aos seus alunos e aos seus professores. O fato é que em se tratando de educação, o processo de ensinar e aprender ocupa um papel fundamental e como tal merece atenção especial. Neste contexto, a aprendizagem desempenha um processo de dupla face, envolvendo na cena ambas os protagonistas, professores e alunos. É preciso pois, que o cenário esteja organizado e seja produtivo.

Alguns estudiosos vêm sinalizando que a temática aprendizagem precisa ser (re) visitada e, neste sentido, algumas áreas do conhecimento têm dedicado estudos sobre estas questões entre as quais se tem destacado a Psicologia Cognitiva, a Neurociência, a Biologia e a Educação. Neste cenário da academia, o professor ocupa um lugar privilegiado e, claro está, que precisa estar constantemente estudando, aprendendo, se atualizando e reorganizando

Educação

o seu saber para poder propiciar ao seu aluno boas condições de aprendizagem. É importante que esteja envolvido em uma educação continuada, que lhes propicie competências múltiplas para enfrentar a realidade complexa do cotidiano.

Paulo Freire (1998) enfatizou que é importante para o professor: ter autonomia no seu trabalho; ser um pesquisador crítico-reflexivo sobre a sua prática à luz da teoria que utiliza; ser autêntico, estético e ético; ser flexível e criativo; ser aberto às transformações e ao diálogo; trabalhar encarnado no exemplo; aceitar riscos e assumir-se como profissional; criar condições para que o aluno encontre os seus caminhos e possa, engajar-se em experiências, assumindo-se como ser social.

Essas proposições de Freire aproximam-se de outras, como por exemplo a teoria de Wygotsky (1993, 2003), que pressupõe que o professor deva considerar as realidades e as necessidades dos alunos, ou seja seus interesses com base em suas culturas e que a aprendizagem ocorre pela transformação do conhecimento, paralelamente com a transformação das representações. O ser humano é visto em sua totalidade aprendendo, via domínios cognitivo e afetivo e na presença de estímulos motivacionais, que levam a linguagem e as atividades a assumirem significados próprios aos aprendentes. Além disso, que a aprendizagem se efetiva com a cooperação entre pares, trabalhando a zona de desenvolvimento proximal (ZDP).

Avançando em outras realidades encontram-se autores contemporâneos trabalhando essas questões de acordo com seus pressupostos teóricos e alguns deles apresentam pontos de confluência e outros de divergências entre si. Entre estas destaca-se: Maturana e Varela, Delors, Morin, Sacristán, Pozo, entre outros.

Maturana e Varela (1995), com uma visão biológica, discutem a autopoiese, reforçando a idéia de que o estudante é motivado a sua auto-organização, como necessidade vital e para tanto o professor precisa estar preparado para auxiliar os alunos a desenvolver atividades no sentido de auto-organização. Para eles, a aprendizagem pressupõe uma organização vital. Delors (1996), traduzindo o pensamento da UNESCO demonstra a importância de apreender a aprender, no sentido de aprender a: conhecer, a fazer, a conviver e a ser. Isto quer dizer que a aprendizagem é vista em uma dimensão formadora para a cidadania e para que o aluno possa estar preparado para enfrentar, criativamente, a vida em sociedade e saber partilhar com seus semelhantes.

Educação

Considerando aspectos essenciais de cidadania, Sacristán (2002) reforça a idéia de que o indivíduo precisa ser preparado para exercer seus direitos e deveres diante dos demais, sabendo conviver com responsabilidade e co-participação. Educar para a cidadania é respeitar valores culturais e identidades e, ao mesmo tempo, o autor sugere que sejam criadas usinas, em vários pontos das comunidades, para elaborar e transformar conhecimento, isto é, construir saberes em conjunto, cooperativamente.

Morin (2001), autor da teoria da complexidade, que revela o complexo pensamento do ser humano e de suas relações, aponta os sete saberes necessários à educação do futuro que denominou de: as cegueiras do conhecimento, os princípios do conhecimento pertinente, ensinar a condição humana, ensinar a identidade terrena, enfrentar as incertezas, ensinar a compreensão e a ética do gênero humano. Como se pode verificar, o autor busca a valorização do ser humano e a humanização da educação. Morin convida os educadores e educandos a se engajarem numa educação que se volte para a compreensão, as atitudes éticas, uma educação para paz. Sugere que os mestres que atuam em diferentes áreas do conhecimento reconheçam a inter, multi e transdisciplinaridade do conhecimento, com um olhar compreensivo sobre a essência e a origem deste saber. Ele propõe uma educação com uma visão holística, um princípio hologramático, em que a parte está no todo como este está de certo modo na parte. Então temos aqui uma visão de aprendizagem compreensiva e cooperativa engajada em processo complexo.

Pozo (2002, pp.268-74), discutindo a cultura da aprendizagem, revela os seus dez mandamentos. Para ele, o professor precisa estar atento para o fracasso da aprendizagem que se tem revelado em diferentes realidades na atualidade e sugere atenção especial do mestre que deve considerar:

- 1) *os interesses e motivos dos aprendizes*, considerando a motivação como causa e consequência da aprendizagem, estimulando a cooperação e a compreensão;
- 2) *os conhecimentos prévios dos aprendizes*, com base naqueles já adquiridos, a fim de vincular tarefas do interesse dos educando, de forma progressiva e cooperativa, no contexto da aprendizagem, ou ainda, utilizando a zona de desenvolvimento proximal;
- 3) *a nova informação*, sempre procurando dosá-las e relacioná-las com os conhecimentos anteriores para, deste modo, atrair a atenção do aluno para o novo;

Educação

- 4) *os conhecimentos básicos*, fazendo com que os alunos condensem e automatizem aqueles que forem necessários para aprendizagens futuras, selecionando os mais importantes para aplicação em novos contextos;
- 5) *a diversificação de tarefas e dos cenários de aprendizagem* para um mesmo conteúdo, motivando os aprendizes com diferentes atividades e rotas para facilitar novas conexões e transferências de conhecimento para outras situações;
- 6) *o planejamento de situações em função dos contextos e tarefas em que os aprendizes devam recuperar o* que foi aprendido, multiplicando e diversificando as atividades eficazes em semelhantes contextos aos anteriores, para com isso, facilitar a recuperação e a transferência de aprendizagens;
- 7) *a organização e ligações de aprendizagens* de forma que o aprendiz perceba relações explícitas entre elas fomentando o significado e incentivando a reflexão para que eles possam tecer redes de significados organizadas para alcançar transferência de conhecimento e uma aprendizagem eficaz e duradoura;
- 8) *a promoção de tarefas reflexivas para os aprendizes* na retomada de seus próprios conhecimentos despertando conflitos cognitivos, para então, proporcionar-lhes instrumentos conceituais como ajuda na solução dos conflitos, bem como, propiciar atividades de comparação com os saberes de seus colegas para ativar a cooperação entre os alunos;
- 9) *a promoção de problemas de aprendizagem ou tarefas abertas de cooperação* entre os aprendizes para que eles encontrem a resolução de problemas motivando-os com tarefas competitivas e dando-lhes, de modo progressivo, o controle de decisões para que alcancem uma aprendizagem comparativa;
- 10) *a instrução dos aprendizes no planejamento e na organização de suas próprias aprendizagens*, utilizando estratégias adequadas para transformar a aprendizagem em atividades dirigidas à construção, elaboração e organização de técnicas voltadas para a aprendizagem construtiva e cooperativa.

Estes dez mandamentos propostos pelo autor, na sua percepção podem encerrar-se em dois fundamentos básicos, em que o professor deve: “1) *refletir sobre as dificuldades de aprendizagem dos alunos e buscar meios adequados para ajudá-los a superar problemas e 2) transferir para os alunos, progressivamente, o controle da aprendizagem*” (POZO, 2002, p. 275).

Educação

Os autores aqui mencionados, como se pode verificar, têm uma visão humanística da educação revelando suas preocupações com o processo de ensinar e aprender e com aspectos educacionais, que envolvem a vivência do professor e do aluno e a necessidade de um trabalho integrado entre professor e aluno e deles entre si, afinados em suas relações interpessoais, de modo a agirem cooperativamente na construção do saber. Para eles há uma estreita relação entre conhecimento e a emoção.

Na mesma direção, mas utilizando um discurso um pouco diferenciado, Meirieu (2002), diz que o trabalho pedagógico está alicerçado em linhas de força, pois na maioria das vezes são os professores que decidem o que os alunos devem aprender e muitas vezes não é o que o aluno gostaria de aprender e que as pessoas não podem aprender no lugar dos outros ou mudar as suas representações e, portanto, é necessário que o professor compreenda a liberdade de cada um e autorize o outro a assumir o seu lugar. Logo é importante que o diálogo se estabeleça em sala de aula e precisa vontade e coragem para começar.

Uma outra dimensão que tem atualmente sido bastante desenvolvida diz respeito ao empreendedorismo na Educação Superior, especialmente nas universidades, que estão mais voltados para a produção do conhecimento e os professores/pesquisadores têm sido chamados a trabalhar em parceria com a comunidade. Esta nova realidade prende-se muito ao processo de globalização.

Ginés-Moura (2006, p.124-25), ao analisar a situação da universidade européia, no contexto da globalização e da sociedade do conhecimento, mostra a evidência de um novo modelo de universidade e a urgência de mudanças no modelo educativo de ensino e de aprendizagem. O professor que transmitia conhecimento tem que ser substituído por um professor que dirija e oriente o aluno para uma nova função, convertendo-o “no agente ativo de seu processo de aprendizagem”. Neste novo contexto, a indicação é de que além dos conteúdos, a universidade deverá considerar aspectos formativos, ou seja, incluir um amplo conjunto de hábitos, habilidades, atitudes e competências requeridas nos locais de trabalho.

Segundo o autor espanhol na atualidade não é o conhecimento que estabelece a diferença salarial, mas as atitudes e a predisposição diante do campo de trabalho, e exemplifica relatando pesquisa realizada sobre salários e competências, na Espanha, em que a classificação dos itens elencados pontuou, como mais alto valor, *o assumir responsabilidade e tomar decisões* e como mais baixo, *ter conhecimento teórico no campo de trabalho*. Com base nessas afirmações, Ginés-Mora reforça a idéia de que a universidade precisa

Educação

mudar em dois enfoques, tanto intrínseco, com seus modelos pedagógicos, como extrínseco, em seus modelos organizacionais. Fica claro que o modelo do professor “lecture”, que dá grandes palestras relatando os achados de outros está se findando, como foi o caso do professor catedrático, na legislação brasileira. Surge o professor que vê a aprendizagem como construção coletiva, no cenário em que professores e alunos como investigadores, cooperativamente procuram (re) construir o saber.

Com base na visão de globalização em que a dimensão econômica tem forte acento, Knight e Yorke (2003) demonstram que, na Inglaterra, a questão econômica torna-se fundamental na formação dos jovens, especialmente nas escolhas de cursos de graduação e na expectativa sobre a aprendizagem. Na visão destes autores, a universidade tem que trabalhar com os alunos para formar competências. Portanto, as metas dos professores em relação à aprendizagem de seus estudantes é a de qualificá-los formando competências para o mercado de trabalho, ou seja, preparar os alunos para a empregabilidade. Com isso, o professor também precisa desenvolver novas habilidades e competências para que possa ampliar a visão da base avaliativa e atender as necessidades do estudante.

Para estes ingleses, há algum tempo as expectativas da sociedade eram de que o aluno do Ensino Superior completasse a sua graduação obtendo aprendizagem apropriada, eficiente e eficaz para desempenhar a sua função. Hoje, as expectativas se ampliaram esperando que o curso os qualifique também, para atender o fenômeno da empregabilidade e, por extensão, para a economia do país, uma vez que as questões econômicas têm ocupado lugar de destaque. Segundo os autores os conhecimentos econômicos têm se constituído em fonte de saúde e bem estar social na Inglaterra.

Segundo Steiner (2006), no Brasil, estudos têm registrado diversos cenários, para o desenvolvimento do país até 2022. Todos afirmam que o cenário desejável, para as próximas décadas, é de um significativo crescimento econômico combinado com a redução de desigualdades sociais. Por isto é importante investir no conhecimento, embora esta não seja a condição suficiente, é necessária. O autor destaca, que a questão não é tanto de ampliar a capacidade do país de gerar conhecimento, mas sim de como transformar o conhecimento em riqueza e bem estar para a sociedade. Tais estudos chamam a atenção para a relação aprendizagem-empregabilidade.

Considerando os aspectos levantados por Ginés-Mora, por Knight e Yorke e Steiner, em função da nova visão da sociedade, da globalização e das questões econômicas, que se fazem presentes, é inevitável uma mudança. Deste modo, os professores precisam apresentar novas competências para

Educação

possibilitar um novo enfoque de aprendizagem aos seus alunos, bem como auxiliá-los na construção de suas próprias competências. Com o olhar voltado para aprendizagem, frente a essas questões econômico-sociais, Knight e York (2003, p.151-52) apresentam itens multidimensionais relacionadas à empregabilidade, uma vez que a aquisição, compreensão e aptidões disciplinares pressupõem: qualidades pessoais, habilidades centrais e habilidades processuais, que foram reproduzidas em 39 itens. Para os autores estas habilidades, não eliminam os conteúdos disciplinares, ou seja somam-se as competências cognitivas. O aluno para estar candidato ao emprego/trabalho, em sociedade globalizada, deve apresentar competências pessoais e habilidades inerentes as diferentes profissões.

QUALIDADES PESSOAIS

1. Auto-teoria flexível: a crença de que os atributos (por ex. inteligência) não são fixos e podem ser desenvolvidos;
2. auto-conhecimento: consciência de seus próprios pontos fracos e fortes, seus objetivos e valores;
3. auto-confiança: segurança em lidar com desafios postos pelo emprego e pela vida;
4. independência: habilidade para trabalhar sem supervisão;
5. inteligência emocional: sensibilidade para com as emoções dos outros e os seus efeitos;
6. adaptabilidade: habilidade para responder positivamente as mudanças circunstanciais e novos desafios;
7. tolerância ao stress: habilidade de manter a eficácia quando sobre pressão;
8. iniciativa: habilidade de fazer alguma ação sem assistência;
9. vontade de aprender: comprometimento com o aprendizado atual para atender as necessidades do emprego e da vida;
10. Auto - reflexão: disposição para refletir avaliativamente sobre o seu próprio desempenho e o desempenho de outros.

HABILIDADES CENTRAIS

11. Leitura eficaz: habilidade de conhecimento e retenção dos pontos-chave;

Educação

12. habilidade para números: utilização de números em nível de exatidão, confiança;
13. retorno de informação: habilidade para acessar diferentes fontes;
14. habilidade de linguagem: posse e domínio de mais de uma língua;
15. auto-gestão: habilidade de trabalhar de modo eficiente e estruturado;
16. análise crítica: habilidade de desconstruir uma situação ou um problema;
17. criatividade: habilidade de ser original ou inventivo e aplicar o pensamento em situações paralelas;
18. escuta: habilidade de focar a atenção em pontos chave;
19. comunicação escrita: habilidade de escrever relatórios e ofícios claros especificamente para o leitor;
20. apresentação oral: habilidade de fazer uma apresentação clara e fiel para um grupo;
21. explicações: habilidade de explicar oralmente ou de forma escrita;
22. consciência global: habilidades tanto culturais como de economia.

HABILIDADES PROCESSUAIS

23. Alfabetização computacional; habilidade de uso de um conjunto de software;
24. consciência comercial: habilidade da compreensão de questões de negócios e prioridades;
25. sensibilidade política: habilidade de conhecer e apreciar como a organização age e trabalha;
26. Trabalho multicultural: habilidade de trabalhar em outras culturas, tanto dentro como além de seu país;
27. sensibilidade ética: habilidade de apreciar os aspectos éticos do emprego a as ações;
28. priorização: habilidade de organizar ou classificar tarefas de acordo com a importância;
29. planejamento: habilidade de propor um conjunto de metas a serem atingidas e ações estruturadas;

Educação

30. compreensão da matéria aplicada: habilidade da compreensão disciplinar do programa da Educação Superior;
31. ação moral: habilidade de possuir um código moral e agir de acordo com o mesmo;
32. convivência: habilidade de dominar situações ambíguas e complexas;
33. resolução de problemas: habilidade de seleção e uso de métodos apropriados para encontrar soluções adequadas;
34. influências: habilidade de convencimento de outros sobre a validade de um determinado ponto de vista;
35. argumentação: habilidade para justificar um ponto de vista ou o curso de uma ação;
36. resolução de conflitos: habilidade de solucionar tensões intrapessoal e interpessoal;
37. processo decisório: habilidade da escolha de melhor opção de um conjunto de alternativas;
38. negociação: habilidade da discussão para a obtenção da resolução mais satisfatória de questões contenciosas;
39. trabalho em equipe: habilidade de trabalhar construtivamente com outros em tarefas comuns.

CONCLUINDO AS REFLEXÕES

Neste espaço, discutiu-se a aprendizagem na Educação Superior, trazendo para análise diferentes posições de autores e teóricos da educação e de áreas afins. Essas posições revelam caminhos diferentes, olhares entrecruzados, mas todos querendo minimizar aspectos cruciais, que se fazem presentes na sociedade planetária. E que influem negativamente no andamento da aprendizagem, das competências dos alunos e dos professores universitários. Os autores mencionados apresentam contribuições para que se processem mudanças na área educacional, especialmente no ensino superior.

Morosini (2006) tem demonstrado em seus escritos a sua preocupação com a educação internacional advogando o desenvolvimento desta modalidade com o objetivo de tornar a Educação Superior mais adequada às exigências da economia do mercado de trabalho e relacionada aos desafios da globalização. A autora enfatiza a internacionalização como meio de educação continuada, de trocas e vivências entre professores de instituições universitárias.

Educação

rias, com fórum em diferentes países, estabelecendo-se redes de aprendizagem.

Engers (2005), ao estudar questões relacionadas com a educação de professores, revela as representações e as práticas de professores que atuam no sistema de ensino, seus anseios, dúvidas, suas representações quanto à compreensão do que percebem como aprendizagem. A autora analisa práticas desses profissionais, que embora desvinculadas de seus discursos, apresentam pontos importantes que corroboram estudos aqui discutidos. Isto quer dizer que os professores fazem um trabalho interessante, desenvolvem teorias, sem autoria, apresentam competências importantes para o andamento do ensino, mas ainda não adquiriram todas as competências essenciais para serem desempenhadas junto aos alunos na escola deste novo milênio. Precisa-se, pois continuar na direção de ampliar conhecimento sobre aprendizagem para alcançarmos a formação de professores preparados para enfrentar a sociedade que se vivencia.

Ao finalizar estas reflexões, é importante enfatizar que estudos sobre a temática aprendizagem são necessários, pois pouco se sabe ainda e há muitos caminhos a serem explorados para que se possa, compreender as complexas e intrincadas capacidades dos seres humanos, bem como as prováveis e possíveis rotas que os professores e alunos podem trilhar, para alcançar uma aprendizagem. Um saber que habilite e desenvolva competências aos jovens, egressos de um curso superior, a assumir o seu papel nesta sociedade do conhecimento, da globalização. Espera-se que estes novos achados possam auxiliar na minimização dos fracassos, do desemprego, da cegueira do conhecimento. Deseja-se enfatizar os sucessos, a criatividade, a cooperação entre pares, o saber enfrentar as incertezas, desenvolver a compreensão e a atitude ética. Almeja-se formar redes de conhecimento e de solidariedade, entre pares e presenciar mestres e alunos como aprendentes. Isto significa dizer, que se espera ver a questão da empregabilidade resolvida, na dimensão social e econômica, mas que esta não obscureça as outras dimensões centrais da condição humana, no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

DELORS, J. Educação um Tesouro a Descobrir. In: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Portugal: Edições Asas, 1996.

ENGERS, M. E. A. Aprendizagem: representações e vivências de professoras. In: Jacira Cardoso Moreira, Elena Maria Billing Melo e Fátima Terezinha Lopes da Costa

Educação

Porto Alegre – RS, ano XXIX, n. 3 (60), p. 537 – 549, Set./Dez. 2006

(orgs.) *Pedagogia Universitária: campo de conhecimento em construção*. Cruz Alta: RIES/UNICRUZ, 2005.

GUINES-MORA, J. O Processo de Modernização das Universidades Européias: O Desafio da Sociedade de Conhecimento e da Globalização In: AUDY J. L.N.; MOROSINI, M. C (orgs) *Inovação e Empreendedorismo na Universidade*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2006.

MATURANA, H. e VARELA, F. A. *Árvore do Conhecimento: as bases biológicas do entendimento*. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

MERIEU, P. *A Pedagogia entre o Dizer e o Fazer: a coragem de começar*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORIN, E. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília, Unesco, 2001.

MOROSINI, M.C. Internacionalização na Educação Superior: um modelo em construção. In: AUDY J. L.N. e MOROSINI, M. C (orgs.) *Inovação e Empreendedorismo na Universidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

SACRISTÁN, J. *Educar e Conviver na Cultura Global: as exigências da cidadania*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

STEINER, João E. Conhecimento: gargalos para um Brasil no futuro. In: *Estudos Avançados 20* (56), 2006. Disponível em: www.usp.br. Acesso em: 04/11/2006.

POZO, J. I. *Aprendizes e Mestres: a nova cultura de aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Vigotski, y Psicologia Pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.